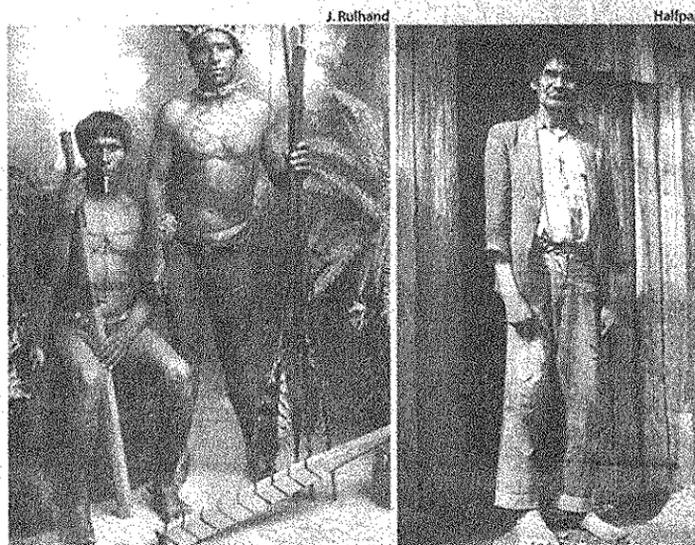


A morte dos botocudos e o carijó do FMI

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina publicou um livro precioso. É "Os Índios Xokleng - Memória Visual". Seu autor é o professor Sílvio Coelho dos Santos. Os xokleng são os populares botocudos, nômades que tinham por domínio uma área que ia do Paraná ao Rio Grande do Sul. O professor reuniu 166 fotografias desse povo, do início do século aos dias de hoje. Eles vivem na miséria depois que uma barragem lhes tirou as terras. Quando os brancos chegaram ao Sul, talvez tenham sido 3.000. Hoje são 1.200, vivendo em Ibirama (SC).

O livro é uma pancada. Mostra um processo de extermínio semelhante ao do Oeste americano. Não se tratou de expulsar índios na vastidão da Amazônia, mas de matá-los logo ali, no Brasil europeu. Os brancos pobres que contratavam pistoleiros (bugreiros) para desindiar a mata eram colonos, não predadores. Um desses assassinos conta como trabalhava: "O corpo é que nem bananeira, corta macio. Cortavam-se as



Botocudos no estúdio em 1915 e no Brasil real de 1968

orelhas, cada par tinha preço".

O professor Coelho dos Santos estuda os xokleng há 33 anos. Da tiragem de 3.000 exemplares de seu livro, separou 300 para as famílias de índios de Ibirama. Seu livro tem o mérito de convidar o Brasil branco e europeu, livre da chamada "herança escravocrata e ibérica", a refletir sobre a socie-

dade que há por aqui.

O pedaço do Brasil cuja história parece começar no século 19 com a chegada dos colonos europeus se esquece, por exemplo, de conviver com Essomericq, príncipe de uma terra desconhecida, levado para a Normandia em 1505 pelo navegador francês Gonneville. Lá viveu e morreu, deixando 14 fi-

lhos.

Supunha-se que a terra por onde andara Gonneville fosse a Austrália, mas provou-se que se tratava da ilha de Santa Catarina. Essomericq era uma corruptela de Açá-Mirim, o filho de um cacique carijó.

Como o FMI está na moda, vale lembrar que uma bisneta de Essomericq casou-se na família normanda de la Rozière. Assim, o economista Jacques de Larosière, antecessor de Michel Camdessus na direção geral do Fundo e atual presidente do Banco Europeu para o Desenvolvimento, é parente de um desses índios que, como bugres, mendigam nas estradas. Se for descendente direto, será a glória da globalização: um carijó no FMI.

(Todas as informações aqui reunidas sobre o grande Essomericq —salvo o seu parentesco com o FMI— estão no livro "Vinte Luas", da professora Leyla Perrone-Moisés. São 172 páginas de erudição histórica, elegância de estilo e alegria de estudar. Um verdadeiro presente para a alma.)

Documentação

Arquivo

23/11/97

XGRV009107

1-14